

Turismo responsável: uma alternativa ao turismo sustentável? ¹

Sérgio Domingos de Oliveira, Docente Dr; ²
Rosislene de Fátima Fontana, Docente Msc.³

Universidade Estadual Paulista.
Unidade de Rosana, SP

Resumo

O turismo apresenta-se como uma atividade em constante evolução, onde conceitos são renovados constantemente em busca de sua melhor compreensão e desenvolvimento. A sua sustentabilidade, especialmente em países em desenvolvimento, sofre questionamentos devido a sua intangibilidade, gerando discussões e novas alternativas conceituais. Destaca-se aqui uma destas alternativas, direcionando-a ao desenvolvimento de atividades em Unidades de Conservação, áreas de grande potencial turístico no Brasil.

Palavras-chave

Turismo, sustentabilidade, responsabilidade, uso público.

Introdução

Nos dias atuais, o turismo tende a desempenhar um papel cada vez mais relevante na economia de muitas cidades brasileiras, especialmente as que têm em seus recursos naturais sua principal fonte de atratividade. Entretanto, estes recursos naturais vêm sofrendo diversos tipos de impactos, alguns dos quais causados diretamente pela atividade turística.

O Turismo Responsável apresenta-se como uma alternativa para o desenvolvimento do turismo baseado não apenas na conservação dos atributos ambientais dos locais em que o mesmo pode vir a ser implantado, mas também na

¹ Trabalho apresentado ao GT2 “Abordagem Histórico-Crítica do Turismo” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.¹

² Professor do Curso de Turismo da Unidade de Rosana, UNESP; Graduado em Turismo e Hotelaria (UNIVALI); Especialista EM Administração Do Turismo (FEPESE/UFSC), Mestre em Engenharia de Produção – Linha de Pesquisa: Gestão Ambiental (UFSC), Doutor em Engenharia de Produção – Linha de pesquisa Gestão Ambiental (UFSC). – E-mail: sedo@rosana.unesp.br, sedoliveira@yahoo.com

³ Professora do Curso de Turismo da Unidade de Rosana, UNESP; Graduada em Turismo e Hotelaria (UNOPAR); Especialista em Geografia – Organização do espaço e meio ambiente (FAFIJAN); Mestre em Hospitalidade (Anhembi-Morumbi). E-mail: rosislene@uol.com.br

melhoria das condições sócio-econômicas das suas comunidades. Assim, ao desenvolvê-lo, é imprescindível adotar ações direcionadas ao seu planejamento e gestão, visando minimizar os impactos que a atividade turística exercerá sobre o local, especialmente quando este local é uma Unidade de Conservação – UC –, isto é, uma área com fins de proteção ao meio ambiente.

Para que a sustentabilidade das atividades turísticas nas Unidades de Conservação – UCs – possa ser atingida, faz-se necessário à adoção de critérios e indicadores que garantam o desenvolvimento das atividades correlatas destes empreendimentos turísticos em ecossistemas tão frágeis e suscetíveis a fontes de impactos ambientais, sócio-culturais e econômicos. Além disso, estes critérios e indicadores devem ser rigorosamente observados, sob o risco de inviabilizar não apenas o empreendimento, mas degradar os ecossistemas em que estes empreendimentos encontrar-se-ão inseridos.

Bases conceituais

O desenvolvimento da atividade turística em determinada localidade é gerador de impactos diversos, que podem tanto afetar positiva quanto negativamente a comunidade e o meio ambiente local. O impacto econômico advindo do desenvolvimento do turismo deve contribuir para reduzir as desigualdades socioeconômicas e que, segundo Mendonça (*in* MONTORO, 2003, p.50),

[...] a perspectiva sustentável deve considerar a relação entre pobreza, ambiente e desenvolvimento, por meio de políticas de engajamento das comunidades de atividades turísticas, de maneira a expandir as oportunidades de pequenos negócios, e oportunidades de emprego em todos os níveis de operação, e não apenas nos mais baixos.

Apesar de contar com uma significativa aceitação no desenvolvimento turístico, o turismo sustentável não goza de uma posição de unanimidade entre os pesquisadores atuais, principalmente quando o mesmo é relacionado às questões sociais. Até mesmo o Relatório Brundtland, documento que define e propõe o desenvolvimento sustentável, causa confusão entre desenvolvimento e crescimento, estabelecendo uma relação direta e prioritária com a economia, conforme aponta Souza (2000):

o desenvolvimento sustentável, neste relatório, visaria não à manutenção da natureza em si, mas à manutenção dos fluxos de produção, investimentos, crescimento e disponibilidade de matérias primas e recursos naturais, dentro

de uma concepção de meio ambiente como prestador de recursos para o sistema econômico e como fator de bem estar. A lógica do desenvolvimento sustentável, portanto, seria a lógica da “eficiência global” (p. 75).

Santos Filho (*in* BAHL, 2003) é mais incisivo ao alertar para as reais intenções dos grandes grupos internacionais, que buscam novas fronteiras para seus negócios sem se preocupar com os impactos que os mesmos causarão às comunidades: “Os grandes empresários estrangeiros buscam mostrar suas intenções de ecologistas, porém seus interesses estão acima de qualquer possibilidade de diminuir seus lucros” (p. 374).

Além disso, a base deste desenvolvimento não pode se pautar simplesmente na sua sustentabilidade, já que este, apesar de indicado, é de difícil alcance, principalmente para países em desenvolvimento, conforme destaca Frey (*in* Ambiente e Sociedade):

Apesar da comunidade internacional se reportar unanimemente favorável à concepção de desenvolvimento sustentável, dificilmente consegue-se reconhecer esse suposto compromisso com a defesa do meio ambiente e das gerações futuras nas ações e medidas atuais. Pelo menos os resultados referentes às determinações de metas concretas nas conferências internacionais e às políticas públicas adotadas em boa parte dos países ficam significativamente aquém das recomendações que boa parte dos cientistas e ambientalistas consideram indispensáveis a fim de alcançar a estabilização do clima mundial e um desenvolvimento ecologicamente sustentável (2001, p.116).

Souza (2000) também faz críticas ao desenvolvimento sustentável, principalmente devido ao seu caráter de modelo universal, ou seja, que não prioriza as especificidades de cada comunidade, o que, segundo o autor, contribui para a exclusão social das classes mais baixas, principalmente nos países em desenvolvimento:

“os modelos de desenvolvimento implementados pelo homem até então, pretensamente universais, centrais e burocraticamente planejados (...), produziram não só um drástico incremento na taxa de destruição da natureza, como também a deterioração da diversidade cultural e a própria exclusão social. Ao lado de promover uma ampla modernização dos meios de vida humanos, promoveu também, além da degradação ambiental, um distanciamento crescente entre as condições de vida e os padrões de consumo de ricos e pobres, entre países desenvolvidos e de terceiro mundo; e uma crescente deterioração cultural face à massificação do consumo e à universalização dos estilos de vida e de desenvolvimento” (p. 162-163).

Outro ponto de críticas ao modelo de desenvolvimento sustentável, segundo Frey (2001, p.135), diz respeito à falta de estratégias que possam indicar aos políticos, administradores, empreendedores e população em geral um caminho a ser traçado para que o mesmo seja atingido: “É portanto insuficiente uma teoria

democrática normativa, estipulando um estado futuro desejável, sem oferecer estratégias para que este estado possa ser alcançado”.

Dessa forma, percebe-se que, políticas claras de desenvolvimento turístico e a realização de um planejamento que contemple a participação da população envolvida, tornam-se imprescindíveis quando o assunto é a sustentabilidade, principalmente, em se tratando do turismo realizado em Unidades de Conservação, de “programas de capacitação destinados a desenvolver o potencial e as habilidades dos habitantes nativos, de forma a agregar valor ao produto turístico ao mesmo tempo em que lhes dá oportunidade de trabalho [...]” (MENDONÇA *in* MONTORO, 2003, p.50).

Um conceito de Turismo Responsável é apresentado por Salvatti (2004), onde o autor demonstra uma preocupação maior com a inclusão e melhoria da qualidade de vida das comunidades locais, ponto este que o conceito de sustentabilidade não prioriza.

O turismo responsável, no contexto de uma estratégia para a sustentabilidade ampla dos destinos turísticos, é aquele que mantém e, onde possível, valoriza as características dos recursos naturais e culturais nos destinos, sustentando-as para as futuras gerações de comunidades, visitantes e empresários (p. 16).

Assim sendo, tendo como base as pesquisas efetuadas referentes ao turismo, desenvolvimento sustentável e alternativas de manejo, Oliveira (2005) sugere a construção de um conceito de Turismo Responsável em Unidades de Conservação:

Segmento do turismo concebido através do planejamento comunitário participativo em unidades de conservação da natureza, dentro das limitações impostas pelo seu plano de manejo, compatível com a capacidade de suporte dos ambientes naturais, considerando-se as condições sócio-culturais e econômicas e respeitando e valorizando as especificidades locais ao desenvolver as atividades turísticas de modo inclusivo (p. 33).

Ao sugerir tal conceito, o autor apresenta modificações significativas ao conceito anteriormente utilizado, estabelecendo assim um aprofundamento das discussões relativas à temática, levando-se em conta, principalmente, as especificidades de cada realidade, em especial, aos países em desenvolvimento.

Turismo Sustentável X Turismo Responsável

O Turismo, atividade multidisciplinar e, por isto mesmo, suscetível a influências externas, apresenta forte tendência a uma constante evolução, seja nos seus conceitos, seja na sua tipologia ou desenvolvimento.

O Turismo Sustentável, discurso muito apregoado no século passado, mesmo sendo utilizado por um número expressivo de pesquisadores, passa a ser discutido e questionado especialmente nos países em desenvolvimento, carentes até mesmo de infra-estrutura básica. Perguntam-se: como o turismo, apesar da dificuldade enfrentada pela população, pode garantir a melhoria da qualidade desta população carente? E os exemplos não são poucos. Além disso, o turismo não pode ser tratado como uma panacéia, uma tábua de salvação econômica, social e ambiental.

Outro detalhe importante, muitas vezes colocado à margem das discussões, são as especificidades, a identidade, as diferenças entre as diversas regiões e culturas existentes. Como inseri-las no contexto de um conceito tão amplo sem levar em conta as características locais?

O Turismo Responsável tem como característica principal o enfoque na participação efetiva do turismo nas comunidades envolvidas, quaisquer que sejam as suas características sócio-culturais ou localização geográfica. O que é apregoado é um elo de ligação entre os atores inseridos no processo, onde exista um equilíbrio amplo e irrestrito de benefícios e responsabilidades, gerando assim uma atmosfera favorável às parcerias e a participação da comunidade no desenvolvimento turístico.

Esta alternativa de Turismo, considerada viável neste momento para os países em desenvolvimento, certamente sofrerá questionamentos e, conseqüentemente, modificações que, certamente, contribuirão e muito para que o Turismo consolide-se como uma atividade importante no desempenho social, econômico e ambiental das populações, tendo como resultado final à melhoria da qualidade de vida para os mesmos.

Deste modo, as discussões não podem ser deixadas de lado, simplesmente substituindo-se o conceito de Turismo Sustentável pelo conceito de Turismo Responsável sem discutir-se a sua efemeridade, ou seja, a realidade atual. Além disso, é preciso que os conceitos sejam testados com a sua real aplicação,

acompanhando-se seu comportamento e, quando necessário, efetuar as modificações que se façam necessárias para seu real desenvolvimento.

Conclusão

O Turismo Responsável, como se pode perceber, tem uma fundamentação diferente do turismo sustentável, pois preconiza a participação efetiva da comunidade em todos os estágios do desenvolvimento turístico, proporcionando, assim, condições mais favoráveis para que este desenvolvimento tenha como sustentáculo a própria comunidade, agregando seus valores e suas experiências, além de suas próprias expectativas de desenvolvimento. Outro fator importante, percebido durante a pesquisa participante, resume-se no fato de que a explicação aos atores sobre o significado de Turismo Responsável é facilmente compreendido e assimilado, enquanto a teoria de Turismo Sustentável normalmente gera inúmeras discussões e até mesmo desconfiança sobre sua exequibilidade.

Estes são os principais pontos de referência do autor para a utilização desta terminologia em substituição ao conceito de Turismo Sustentável. Isto, entretanto, não pode ser encarado como uma simples substituição terminológica, mas sim, uma mudança de atitude para com a população local e, conseqüentemente, sua efetiva participação no desenvolvimento turístico de uma região, município ou, neste caso específico, nas Unidades de Conservação. Além disso, as questões ambientais não podem ser encaradas como prioritárias neste contexto, mesmo em se tratando de Unidades de Conservação, mas sim como parte de uma situação desejada onde ambiente, cultura, sociedade e economia sejam, efetivamente, pilares para a filosofia de responsabilidade turística.

A adoção de critérios e parâmetros de desenvolvimento turístico baseado nas necessidades e expectativas da comunidade favorece o envolvimento das mesmas, pois as decisões acerca deste desenvolvimento influenciam diretamente o seu modo de vida, sendo, portanto, difícil de distinguir uma ruptura entre os mesmos.

Ao optar por esta alternativa, deve-se ter em mente que as prioridades passam a ter um novo foco, não mais no mercado, mas sim nos anseios e possibilidades disponibilizadas pelas comunidades locais. Toda e qualquer decisão tem que,

obrigatoriamente, passar por este processo, visando, principalmente, a sua credibilidade, integrabilidade e responsabilidade.

Referências bibliográficas

FREY, K. A dimensão político-democrática nas teorias de desenvolvimento sustentável e suas implicações para a gestão local. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. 4, n. 9, p.115-148, ago./dez. 2001.

MENDONÇA, Maria Luiza M. Turismo sustentável: classes sociais e subjetividade. *In*: MONTORO, Tânia Siqueira (org.). **Cultura do turismo**: desafios e práticas socioambientais. Brasília: Thesaurus, 2003.

OLIVEIRA, S. D. **Certificação de atividades turísticas responsáveis em unidades de conservação**. Estudo de caso: o Parque Estadual Morro do Diabo, Pontal do Paranapanema, SP. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção. Florianópolis, 2005.

SALVATTI, S. S. (Org.). **Turismo responsável**: manual para políticas públicas. Brasília: WWF Brasil, 2004.

SANTOS FILHO, J. In BAHL, M. (Org.). **Turismo**: enfoques teóricos e práticos. São Paulo: Roca, 2003.

SOUZA, N. M. **Educação ambiental** - dilemas da pratica contemporânea. Rio de Janeiro: THEX, 2000.